

JORNAL DO BRASIL

14 / 7 / 77

• Paulo Alberto Monteiro de Barros lança segunda-feira, no Largo do Boticário, seu livro *Mevitevendo*.

• Depois do sucesso do grupo Nina Verchinina, a Sala Cecília Meireles decidiu incorporar definitivamente à sua programação espetáculos de balé de câmara. O próximo grupo a subir à cena será o Ballet do Rio de Janeiro, sábado próximo.

• Mesa boêmia e de alta qualidade musical na noite do Concorde, anteontem: Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Miúcha, Toquinho e Mário Prioli, como coringa dos quatro ases.

Zózimo Barrozo do Amaral

22 ANOS

Vinicius de Moraes

"Quem acredita na atriz brasileira depois da menopausa?"

Atriz brasileira, depois de 30 anos tem muita dificuldade em conseguir trabalho", fala Liana Duva que embora sendo ainda hoje considerada pela crítica especializada como boa atriz, só conseguiu estrelar um espetáculo, seja em cinema, televisão ou teatro, somente até completar 20 anos.

"Em qualquer outro país, atrizes com 40 anos estão em plena atividade e algumas inclusive em começo de carreira. Aqui a coisa é diferente, e falo isto por experiência própria. Adoro fazer cinema, mas como agora imperam as pornochanchadas onde só aparecem mulheres nuas, não existem papéis para mulheres que não estejam no auge de sua beleza física e de sua juventude. No último filme de que participei, "Excitação", faço papel de uma empregada, que diz meia dúzia de palavras. O resto é só mulher pelada".

Com veemência Liana acusa os culpados por tudo isto.

"A culpa é do machismo que impera em nossa terra e também dos autores que não escrevem bons papéis para mulheres de mais de 30 anos. É terrível, mas a mulher brasileira depois dos quarenta está liquidada para a vida amorosa e para o trabalho. Existem inclusive aqueles que dizem com desprezo: "Ela está na menopausa". Pergunto porque Vinicius de Moraes pode ficar na menopausa e eu não? Apesar da idade, ele continua dando seu recado e cada dia está melhor. Isto não é privilégio somente dos homens. Existem muitas mulheres que têm um potencial enorme de talento pra ser mostrado, mas que não é, devido ao machismo. E bem verdade que isto ocorre por culpa da própria mulher que não se valoriza. Não sou uma feminista mas feminina, e como tal sou de opinião que a mulher não deve lutar contra o homem mas ajudá-lo e compreendê-lo, sem com isto esquecer de sua individualidade como ser humano".

NADA PARA O FUTURO

Liana não faz planos para o futuro por um motivo muito sério: "Uma atriz que não é estrela nunca pode planejar o dia de amanhã. Não sabe inclusive se vai poder comer no dia seguinte. Agora estou fazendo o espetáculo "Gota D'Água", mas antes dele fiquei seis meses desempregada. Houve ocasião em que passei ainda mais tempo sem emprego. Isto acontece comigo, que graças a Deus tenho um nome respeitado. Imaginem com aqueles que ainda não conseguiram impor o seu. Sempre vou arranjando alguma coisa pra fazer, nem que seja algo pequeno. Se aguentei tudo isto nestes 28 anos de carreira artística é porque havia uma razão especial, uma missão divina a ser cumprida. A arte é uma das maneiras de se chegar a Deus. Não é só pelo sofrimento, pela caridade, que se chega a ele, mas também pela beleza. Existe em mim duas personalidades, a da estrela que nasceu para brilhar e ganhar muito dinheiro, e a da atriz que trabalha, se doa muito e fica sempre na obscuridade. Quando tinha 20 anos, fui uma estrela, porque exibia meu corpo. Houve então recompensa financeira. Artisticamente nenhuma. Meu talento era sempre colocado em segundo e mesmo terceiro plano. Existem atualmente grandes atrizes como Sandra Bréa e Sônia Braga que se escondem atrás do estrelismo. A todas elas daria um conselho: procurem continuar sendo sempre grandes atrizes e não somente estrelas. Apesar de hoje em dia uma atriz ter que lutar por um papel e as estrelas não terem este tipo de problema porque tem muita pornô, tevê, cinema lhes abrindo a porta, quando ficarem mais velhas nada disto mais será tão fácil e se não restar o talento, dificilmente conseguirão sobreviver.

"Tenho um grande desejo: Não quero morrer sem ver a classe artística bem amparada, regulamentada e as pessoas fazendo espetáculos de ótimo nível, sem terem que se sujeitar a

qualquer tipo de "prostituição". Quero ver a classe criando beleza e vou ver!"

A AMIGA DE BIBI

Liana está muito entusiasmada com a peça "Gota D'água", que considera a coisa mais completa e mais importante que se fez no Brasil nos últimos 20 anos.

"Só o fato de participar de uma obra como esta deixa o artista feliz. Meu personagem, Corina, é o segundo papel do espetáculo. É a pessoa que sempre anuncia o que vai ou que já aconteceu. Se fosse uma tragédia, Corina seria o Corifeu, pois é a mensageira. Estou contente de estar neste espetáculo, também por que diariamente mais de mil pessoas vão nos assistir. Meu personagem por ser a primeira pessoa que fala e a última que grita. Estou aprendendo muito e realmente achando que a vida imita a arte e a arte imita a vida. A peça mostra muito bem a realidade brasileira, onde felizmente existem os que vivem bem, mas onde há também uma classe que sofre muito. O grito que Corina dá no final é um grito de revolta, de amor, de desespero pela impotência de não poder fazer nada dentro da tragédia consumada. Acredito que com este grito, as pessoas que tenham problemas semelhantes, despertaram. Eu como missionária, além de atriz estou tentando transmitir um grito de alerta para que as pessoas se humanizem e não se deixem levar demasiadamente pelas emoções. A peça é uma lição, para que o homem não explore seu semelhante não dando assim margem a ocorrência de tragédias".

Apesar de muito entusiasmada com o espetáculo, Liana conta que só está esperando a sua aposentadoria, que deverá acontecer daqui há dois anos. "Estou cansada da arte. Vou tentar ajudar as pessoas num outro ramo, continuando meu trabalho de missionária. Aproveitando que estou falando em aposentadoria. Espero que quando a nossa regulamentação vier mude este negócio de ator se aposentar com 30 anos de profissão. Nosso trabalho é muito intelectual e poucos são os atores que conseguem viver para gozar de sua aposentadoria. Vinte e cinco anos já é muito tempo, quanto mais trinta". (Isabel Torres)



Liana Duval declara sua briga: "Por que Vinicius pode trabalhar depois da menopausa e eu não?"



Miucha & Antonio Carlos Jobim

participação especial de
CHICO BUARQUE



“Eu já amava todos três. Muito. E gostei de tudo. Demais. O produtor do disco foi o amor, é um amor: Aloysio. O Tom deu força, carinho, alegria. Foi a fada madrinha. Fez a mágica, com a sua sensibilidade, seu piano, sua flauta, sua companhia. Seu imenso talento tornou tudo fácil, espontâneo, bom. Para o Chico eu queria que essa contracapa fosse um beijo. Mas não pode. Ou pode?” — (Miucha)

“Éramos três irmãos, destacados para protegê-la da “paquera”. Aliás, naquele tempo não existiam os paqueras. Chamavam-se cafajestes e espreitavam nas esquinas. Não faziam outra coisa, os cafajestes. E ainda usavam uma camisa do tamanho menor, os biceps forçando as mangas arregaçadas. Então é claro que, na iminência da batalha, tratávamos com os cafajestes uma aliança súbita e estratégica: — “Pode falar com ela. O nome dela é Heloisa Maria. Mas pode chamar de

Miucha. Também pode dar beijo nela. Namora ela, namora”. Agora o mano é o Tom Jobim. E o Aloysio. Mais os músicos e os técnicos. Estamos todos loucos para atirar Miucha às feras. Com todo o carinho e com toda a fé. “Paquerem firme”. (Chico Buarque de Hollanda)

“Este disco é dedicado a Radamés Gnattali pelos incansáveis, vastos, imensos serviços prestados à Música Brasileira. O Brasyl não conhece o Brasil, o Brasil nunca foi ao Brasyl. Mas o caopora percute as sapopembas das samaumeiras em dias de vento, a ver se resistem. A Miucha sabe. O Aloysio sabe. O Chico sabe. Que maravilha viver no tempo de vocês. Quantidades industriais de amor” (Tom Jobim)

Estes três recados estão na contracapa do disco *Miucha E Antonio Carlos Jobim*, da RCA, que saiu ontem para as lojas. Chico Buarque, irmão de Miucha, teve uma participação especial, aparecendo nas faixas *Vai Levando* (Chico-Caetano

Veloso), *Sei Lá* (Toquinho-Vinicius) e *Maninha* (Chico). As outras músicas são: *Tiro Cruzado* (Nelson Angelo-Marcio Borges), *Comigo E Assim* (Luiz Bittencourt-José Menezes), *Na Batucada da Vida* (Ary Barroso-Luiz Peixoto), *Olhos Nos Olhos* (Chico), *Pela Luz dos Olhos Teus* (Vinicius), *Samba do Avião* (Jobim), *Saia do Caminho* (Custódio Mesquita-Evaldo Ruy), *Choro de Nada* (Eduardo Souto Neto-Geraldo Eduardo Carneiro) e *É Preciso Dizer Adeus* (Jobim-Vinicius). Dorival Caymmi fez uma nova introdução para o *Samba do Avião* e Jobim e Miucha inventaram, na hora, mais alguns versos para *Vai Levando*.

Miucha, inicialmente, procurou Jobim para lhe pedir uma música. Ele se entusiasmou tanto com a idéia do disco que fez os arranjos, regeu a orquestra, tocou piano, flauta e cantou também. A produção do disco é de Aloysio de Oliveira. — DIRCEU SOARES

Nordeste, a religião de Fernando Lona

Fernando Lona, o parceiro de Geraldo Vandré na música Porta Estandarte, vencedora do festival da TV Excelsior em 66, está de volta aos palcos de São Paulo com o espetáculo "Do cordel e bordel" no Teatro Markanti.

Reafirmando sua convicção de que "o Nordeste é minha crença e religião", Fernando passou um ano preparando repertório e ensaiando o Bando de Macambira para este espetáculo que não é um jogo de palavras, conforme suas explicações.

— Cordel são as incelenças, os benditos, as cirandas, os repentes, a moda de viola, o baião e as toadas que formam a primeira parte da peça musical, onde falamos dos vaqueiros, os aguaceiros e os cangaceiros. O bordel é a segunda parte onde a outra realidade nordestina é revelada com seus boleros, tangos, sambas canção, música de fossa e flores de plástico.

Compondo ragtimes, afro-blues, xotes e "modernagens" tipo "Cowboy 2002", Fernando Lona confessa-se tranquilo porque tem o Bando de Macambira ao seu lado, "quatro irmãos e um amigo que eram armeiros na cidade do Crato, sertão do Ceará, e que tocam violão de 7 cordas, bandolim, sanfona, cavaquinho, zabumba e timba como os melhores regionais do Brasil".

Afastado de São Paulo desde o sábado de carnaval de 72 — "eu andava de mal comigo e voltei para a Bahia" — Fernando não parou de produzir: com Alvaro Guimarães e Wilson D'Argolo participou da encenação de "Arena Conta Zumbi", "As Criadas", de Genet, "Tio Vania" de Tchecov, "As Feras", um inédito de Vinicius de Moraes e "Ato Final da Paixão", de Alvaro Guimarães, que gerou um grande escândalo em Salvador porque o Cristo era atirado do alto de uma escada Magirus em plena ladeira do Pelourinho. Esteve ainda em Nancy, na França em 75, com o Teatro Livre da Bahia apresentando a peça Cordel 3, de João Augusto.

Vivendo com a parte que lhe cabia na herança do pai, falecido há alguns anos, Fernando fez as músicas da peça Quincas Bérro D'Água, adaptação de João Augusto do romance de Jorge Amado, e editou o seu primeiro LP em 20 anos, além de lançar o seu livro "O romance desastroso de Josiano e Mariana".

— Este trabalho "Do Cordel ao Bordel" é a continuação do que venho fazendo há muitos anos — já compus mais de 500 músicas, a maioria está inédita e alguma coisa que foi sucesso as pessoas não associam ao meu nome".

Sérgio Gomes

VINICIUS

MANCHETE

16 / 4 / 1971

MÚSICA

José Siqueira

dimensão histórica

Os 70 anos do maestro José Siqueira foram comemorados com um concerto de suas obras pela Orquestra e Coro da Rádio MEC, regidas por ele próprio na Sala Cecília Meireles, do Rio. Entre outras partituras, foi executada a breve e atraente cantata, **O Dia da Criação**, sugerida pelo poema do mesmo nome de Vinicius de Moraes — livre e vivo na voz do declamador Ivo Ribeiro Siqueira, filho do compositor. Como fundador da OSB nos anos 40 e primeiro presidente da Ordem dos Músicos do Brasil, José Siqueira exerceu grande influência na vida musical do país, o que justifica plenamente a homenagem.

● **Eurico Nogueira França**

HISTÓRIA

Vinicius



Joel do Bandolim, João Nogueira, Beth Carvalho e Sérgio Cabral, pela primeira vez juntos, em Onde o Rio É Mais Carioca

NA PRAÇA TIRADENTES, ONDE O RIO É MAIS CARIOCA

Onde o Rio é Mais Carioca é o nome do show que reúne a cantora Beth Carvalho, o compositor João Nogueira e o músico Joel do Bandolim durante 15 dias, a partir do dia 19, 3a.-feira, às 21 horas, no Teatro João Caetano. Pela primeira vez juntos, os três se apresentam sob a direção de Sérgio Cabral, que também é produtor e um dos participantes do espetáculo.

A idéia surgiu em uma viagem a Salvador, em dezembro passado. Na volta da Bahia, Beth Carvalho, João Nogueira e Sérgio Cabral estavam no mesmo avião e decidiram, nesse dia, fazer um espetáculo juntos. Escolheram o mês de julho, sem pressa, porque além de ser o "filé mignon" em termos de público, foi também considerada a melhor época para todos.

Já na escolha do local — diz Sérgio Cabral — tínhamos duas alternativas. Apresentávamos uma temporada longa num teatro pequeno, ou uma apresentação curta num teatro maior. O João Caetano foi escolhido, sem que me ocorresse a idéia de aproveitar o público já conquistado por aquela casa.

Mas o que têm os três em comum que justifica reuni-los num show?

— Eu diria que essa afinidade é o carioquismo. São todos artistas com trabalhos e comportamento cariocas. E como o Rio é um personagem de nosso espetáculo, acho que a idéia se completa. Não será, porém, uma apoteose do Rio

de Janeiro. O que a gente quer é falar desta cidade que está ficando fora de moda, escondida atrás dos prédios de Sérgio Dourado. E ela estará presente através dos quatro personagens do show — Beth, Joel, João Nogueira e eu — e do espírito carioca que irá presidir o espetáculo. O Rio será mostrado também através de pessoas que, embora não estejam presentes, serão mencionadas em histórias ou músicas, como Vinícius de Moraes, Ciro Monteiro, Nelson Cavaquinho, Cartôia, Noel e Pixinguinha.

O texto de **Onde o Rio é Mais Carioca** é do próprio Sérgio Cabral. E' ele ainda quem tenta explicar o que vem a ser o tão decantado espírito carioca.

Essa pergunta é feita no show e não tem uma resposta objetiva. Acho que é um pouco a capacidade de tirar a dor de letra. No espetáculo, a resposta vem em forma de um samba, um operário que perdeu o fiuço personagem, um operário que perdeu o fiuço, está chorando. Mas se envergonha disso, pega o violão e faz um samba de breque sobre a morte do menino.

Durante o show, que será dedicado a Sérgio Porto, há momentos em que os três artistas se apresentam juntos e o repertório se encadeia dentro de uma mesma idéia. Em outros, Beth Carvalho só interpreta músicas de Nelson Cavaquinho, João Nogueira canta a Portela e Joel toca de seu bandolim os acordes dos choros de Pixinguinha.

O repertório é composto tanto de músicas antigas quanto de composições novas. É evidente

que o público poderá reclamar da ausência de certas músicas, mas não seria possível incluir todas aquelas que gostaríamos — diz o diretor do espetáculo.

Beth Carvalho já trabalhou com João Nogueira em 1971 e, mais tarde, com Joel, que foi do conjunto A Fina Flor do Samba, que acompanha a cantora. Beth, por sua vez, também pertenceu ao Grupo Bandola, de João Nogueira. Interrompendo o ensaio de um chorinho, a cantora e o bandolinista falam da importância de se apresentarem juntos, num espetáculo que não pretende ser apenas circunstancial.

Nossas propostas de trabalho — diz Beth Carvalho — no fundo são uma só: a música popular brasileira. Meu ideal seria juntar cada vez mais as pessoas. Gosto de trabalhar em equipe e não acredito muito no trabalho isolado. Nesse sentido, acho que o grupo baiano é muito unido. Admiro a união que não é mafiosa e sim uma soma de valores. Acho que trabalhos como este deveriam ser mais frequentes.

Joel do Bandolim tem a mesma opinião. Para ele, também, toda troca de experiências deixa um saldo positivo. É enriquecedora.

No meu caso, especialmente, é muito significativo trabalhar com João Nogueira e Beth Carvalho que já são, profissionalmente, enquanto eu ainda estou a caminhando. Gostaria mesmo de dar continuidade a este trabalho, pois no Brasil o artista instrumental ainda está engatinhando. Tanto que, muitas vezes, meu trabalho tem aparecido através dos cantores.

EMÍLIO SANTIAGO

UMA VOZ QUE PRETENDE IR MAIS LONGE

A maior parte do público que foi anteontem ao Canecão para a estréia do show Nove e Meia teve uma surpresa: viu no palco, completando as três duplas de astros com Dóris Monteiro, Roberto Ribeiro, Leci Brandão, Jackson do Pandeiro e Alcione, não o veterano Lúcio Alves (como fora anunciado na propaganda do espetáculo), mas o jovem Emilio Santiago, um rapaz que queria ser jurista e acabou cantor.

Emilio substituiu Lúcio — que é o primeiro a elogiá-lo — em situação que certamente não desejava: o cantor substituído, durante um dos ensaios, desentendeu-se com Ronaldo Bôscoli, um dos diretores do show. Lúcio conta o incidente:

— Quando fui convidado para o espetáculo, ficou combinado que eu viajaria sexta-feira e que quando voltasse, na segunda, encontraria prontos os arranjos dos meus números. Enquanto eu estivesse fora, os outros artistas ensaiariam. Os arranjos não ficaram prontos segunda nem terça-feira. Quando finalmente foram concluídos, notei que o de Lúgia, de Tom Jobim, era bem diferente daquele que eu tenho para a mesma música. O meu dá oportunidade de brincar com a canção, criar dentro dela. O que me deram não estava dentro da harmonia e do roteiro. Além do mais, não tinha aquele grave na parte final, que não é qualquer um que dá e foi aplaudido de pé no Seis e Meia. Não gostei do arranjo e quando reclamei o Ronaldo me chamou de Frank Sinatra. Achei de mau gosto. Aos 50 anos, não tenho mais condições de aguentar certas insinuações. Quero deixar bem claro, no entanto, que se tivesse assinado um contrato eu o cumpriria até o fim.

Ronaldo Bôscoli dá a sua versão: — O Lúcio anda muito nervoso. Estranhei a sua atitude porque somos amigos há 30 anos. Ele não compareceu aos primeiros ensaios por motivos particulares, mas isso já estava combinado. Quando ele não concordou com o arranjo, o maestro deu outro tom. Ele, porém, saiu do palco, dizendo em voz alta: "Assim não dá, assim não dá". De uma brincadeira, perguntei: "Está dando uma de Sinatra, Lúcio?" Ele se aborreceu: "Ah, uma de Sinatra? Então sou o Sinatra." E foi embora. Pedi ao Sérgio (Sérgio Cabral, o outro diretor do espetáculo) que o dissuadisse, mas não adiantou. Como ainda não havíamos assinado nenhum contrato, não houve alternativa senão substituir o Lúcio pelo Emilio Santiago, que foi chamado às pressas.

Perto da meia-noite de terça-feira, Emilio Santiago foi surpreendido em casa por um telefonema:

— Disseram-me apenas — revela o cantor — que o Ronaldo Bôscoli e o Mário Prioli queriam me ver, imediatamente, no Canecão. Lá, eles me falaram de um desentendimento com o Lúcio Alves, mas não fiquei a par de maiores detalhes. A direção do espetáculo havia pensado em meu nome para a substituição. Como não havia mais possibilidade do Lúcio voltar atrás, aceitei.

Para Emilio Santiago, participar do Nove e Meia é uma boa oportunidade:

— Apesar do risco que representa abrir o espetáculo, encaro o Nove e Meia com o maior otimismo. É mais uma abertura e o palco do Canecão já consagrou muita gente.

A estréia, quinta-feira, pegou Emilio de surpresa, dando-lhe tempo apenas para dois ensaios:

— Foi tudo muito rápido. Tão de repente que nem tive tempo de preparar o repertório. Sérgio Cabral e Ronaldo Bôscoli me ajudaram na escolha das músicas. Edson Frederico e Laércio de Freitas fizeram os arranjos.

Quinta-feira Emilio abriu o espetáculo cantando Lúgia de Jobim. A seguir Última Forma, de Paulo César Pinheiro e Baden Powell; Beijo Partido, de Toninho Horta e músicas de João Nogueira e Eugênio Monteiro. De Chico Buarque, cantou Olhos nos Olhos.

Querria ser jurista e acabou cantor. Tudo aconteceu casualmente, de maneira muito rápida. Emilio Santiago não precisava de dinheiro, tinha um emprego e cursava a Faculdade de Direito. Cantava por uma satisfação pessoal:

— A música era uma espécie de

fuga, que me fazia bem, que me deixava ser o que eu era. Ela me libertou, me tirou essa timidez e hoje é tudo o que eu tenho.

Mas por trás do sorriso aberto, os olhos, sempre fugidios, não escondem os vestígios de uma timidez que o deixa meio sem jeito de falar de sua carreira. Para ele, a pretensão é um negócio muito sério, do qual não gosta. Quer cantar o que sente, à sua maneira, não para agradar a um público em especial, mas para chamar a si o público. E quando canta, está feliz, "felicíssimo", como se estivesse em casa, no seu chão. Sorri no palco e fora dele.

Aos 30 anos e "com uma série de responsabilidades", procura viver sem problemas. Mas uma coisa o aborrece: a opinião discriminatória de certos críticos que o acusam de ser um cantor de elite, que trai a sua verdadeira condição social. Não leva isso, porém, tão a sério, não se perturba "com esses detalhes sem importância".

— Minha música não tem compromissos com nenhum crítico, mas comigo mesmo. Além disso, é difícil agradar a um crítico, a não ser fazendo um disco dedicado a ele.

Sem nunca ter sofrido discriminações "pelo fato de ser negro", ele não admite "esses preconceitos em música". Não se pinta de branco quando está no meio dos brancos, orgulha-se de sua raça. E reage ao ser classificado de **Black Rio**:

— O que me decepciona é que eles não admitem qualquer abertura. A música não pode ficar parada, arquivada em compartimentos estanques da memória desses críticos que têm a mania de dividi-la em classes sociais. Tem de haver abertura. Canto Noel a meu modo. Não sou obrigado a cantar como ele cantava em 1936. Quero cantar Candeia, Cartola, Paulinho da Viola, sem obrigatoriamente pertencer ao Quilombo. Cantar Tom Jobim, Baden, Vinícius, porque também gosto.



EMÍLIO SANTIAGO

— Não vim do morro, vim da Universidade. Não posso cantar o que não senti, que não vivenciei, não sofri na carne. Seria falso. Tenho de fazer o que sou exatamente, não o que querem que eu seja. É claro que para certos críticos seria maravilhoso, e até perfeito, se eu morasse num barraco.

Nascido em Botafogo e criado nas esquinas da Zona Sul, onde passou toda a juventude, confessa que só conheceu uma escola de samba há dois anos, quando foi à Mangueira, onde fez "contatos extremamente enriquecedores com a ala dos compositores do morro". Um acesso, segundo ele, difícil, por se tratar de um grupo fechado e radical.

— É que eles, com toda a razão, defendem o princípio de que o samba foi invadido. Concordo em parte com seu radicalismo, mas não acho que o samba seja só o cavaquinho, o pandeiro, o violão. Se tudo evolui, por que não o samba?

Com uma carreira iniciada em boites, nas longas madrugadas do Black Horse, Flag, Preto 22, e 706, resolveu participar do programa de Flávio Cavalcanti. Era o início do sucesso. A partir daí, começaram os convites para cantar em bailes, acompanhado pelo maestro Formiga. Algum tempo no conjunto de Ed Lincoln, televisão, as gravações e agora novos planos. Vai lançar o quarto LP em outubro, de músicas inéditas. O que para ele não é problema. "É só telefonar para os amigos". Já tem algumas músicas prometidas, inclusive por Chico Buarque.

Gosta de cantar João Bosco, Aldir Blanc, Luiz Gonzaga Júnior, João Nogueira, Tom Jobim, Baden, Ivan Lins. Não canta músicas estrangeiras.

— Não dá, eu sou brasileiroíssimo. Minhas coisas estão no Brasil. Como eu posso deixar de cantar Beijo Partido para cantar For Once in My Life? Seria uma incoerência de minha parte.

Enquanto fala, remexe alguns discos. Encontra o que estava procurando. É Otília da Bahia, a trilha sonora do filme de Marcel Camus, gravado em Paris, no início do ano passado. Ele gravou três músicas: Marialva, Jesuíno Galo Doido e Dodó Tristeza.

Com seus problemas normais, "iguais aos de qualquer pessoa", considera-se simples. Saiu "dos palcos das boites para os palcos da rua, sem precisar de rótulos para cantar e com uma voz que pretende ir mais longe".

Vender beleza, missão do francês Paul Corene



Depois do Rio, Paul Corene, "embaixador de Helena Rubinstein", orienta as paulistas.

Simicris e Moraes

Vinicius de Moraes não está sozinho no seu conhecido verso: "As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental"... e desta vez quem o acompanha na afirmação é Paul Corene. Conhecido internacionalmente como um dos maiores visagistas do mundo, ele chegou a São Paulo esta semana (vindo do Rio), para orientar a partir de amanhã, através de uma série de atendimentos no Mappin, às paulistas no que se refere a sua aparência.

Há 40 anos percorrendo o mundo como "embaixador de Helena Rubinstein", Corene não demonstra cansaço e nem sua verdadeira idade, que deve passar dos 60 anos. Impecavelmente vestido e penteado, ele falou por bons minutos na última quarta-feira no L'Absinthe, sobre a beleza feminina, para um grupo de jornalistas e de esteticistas, entre os quais se destacavam os melhores de São Paulo: Janine, Joy e Christian.

Partindo do princípio de que graças à técnica e descoberta de novas substâncias, pode-se vender beleza, Paul Corene afirma que existem mulheres feias, mas essas são imperdoáveis: "Em 77, diz ele, há imensas possibilidades de atrativos que são oferecidos às mulheres. Cabe a elas se informarem e procurarem tirar partido dos produtos para aumentar sua beleza ou disfarçar as Imperfeições do rosto.

Muitas pessoas me perguntam porque a mulher me interessa, tanto e eu costumo responder, por todos os lugares onde tenho andado que, são os contatos diários com as mulheres que levam a me preocupar com sua aparência. No momento em que posso fazer algo neste sentido, sinto que estou cumprindo uma missão. É natural que quando falo em beleza levo em consideração a idade, o tipo físico, a profissão, o conceito de beleza de cada país e assim é que procedo quando me vejo diante de uma mulher para aconselhar sobre tratamento de pele ou maquiagem. Uma tailandesa, por exemplo, não se maquiara jamais como uma alemã; uma mulata não deve pensar nunca em usar o gênero de maquiagem de uma japonesa, por exemplo. Assim, cada tipo de mulher, a cada idade, e, dependendo do seu ritmo de vida, de sua atividade, de sua profissão, requer uma maquiagem que deve combinar perfeitamente.

Uma enfermeira, por exemplo deve apresentar-se de um modo diferente de uma manequim, de uma balconista, professora ou relações públicas."

Quem teve o prazer de conhecer Paul Corene já sabe de sua versatilidade em abordar um tema tão desgastado através dos tempos. É que seu próprio trabalho lhe dá a cada dia experiências diversas, que enriquecem a sua franca comunicação. Seus estudos

realizados na escola de Louvre, em Paris, acabaram por sofisticar seu senso de estética que, acompanhado de um conhecimento científico e biológico, o coloca na vanguarda entre os mais gabaritados estilistas em todo o mundo.

Num trabalho de estudos incessantes, Paul Corene passa anualmente um longo período junto aos laboratórios de pesquisas de Helena Rubinstein, tomando contato com o que de mais moderno se alcança no campo da ciência e da beleza. Mas é na trilogia mulher-beleza-estética que ele concentra sua atenção, mantendo sistemáticos encontros com Mala Rubinstein (sobrinha de Helena) vice-presidente da empresa, atualmente a maior casa de cosméticos do mundo.

Quando se fala em beleza, a maioria das pessoas pensa em maquiagem, mas, segundo Corene, a beleza parte de uma pele bem tratada, viçosa, atraente, sem o que, nenhuma mulher será verdadeiramente bela. "Sinto que no Brasil, há um certo preconceito que leva os homens a descuidarem de sua pele, explica. Afinal, machismo não se exprime através de uma pele mal cuidada. Jean Paul Belmondo, Alain Delon, Raf Vallone, atores que costumam me consultar sobre tratamento de pele e maquiagem — os atores, é bom que se diga, necessitam de maquiagem quando estão trabalhando — sabem o quanto é importante tratar a pele. E mesmo no campo dos homens não-estrelas, na Europa e Estados Unidos não existem tais preconceitos. Os homens se cuidam, tratam de sua aparência, procuram se orientar sobre produtos de pele e nem por isto perdem sua masculinidade. Por outro lado, continua, as mulheres brasileiras se preocupam bastante, até em demasia com a maquiagem. Possuem vários e bons produtos engavetados, para jamais se sentirem desfalcadas, mas poucas são as que tratam da pele, as que se preocupam em rejuvenescê-la, em combater as rugas. É preciso que se diga que beleza não se restringe às mais jovens. Existem mulheres de 70 anos que são belíssimas. Saber envelhecer é também uma arte. É natural que quando falo nestas, as mais velhas, não me fixo unicamente na pele enrugada e já sem viço. O porte, a elegância, a aparência são importantes e jamais devem apresentar desejos de aparentar 20, 30 anos. A cada idade, a mulher pode ser interessante, ter sua pele limpa, sadia, bem tratada, até levemente maquiada, se desejar.

Eu vendo beleza, mas há um outro ponto fundamental que não existe em frascos: charme. Este, sinto muito, nunca está à venda. Ou se nasce com ele ou não se atingirá jamais a beleza completa".

Helô Machado

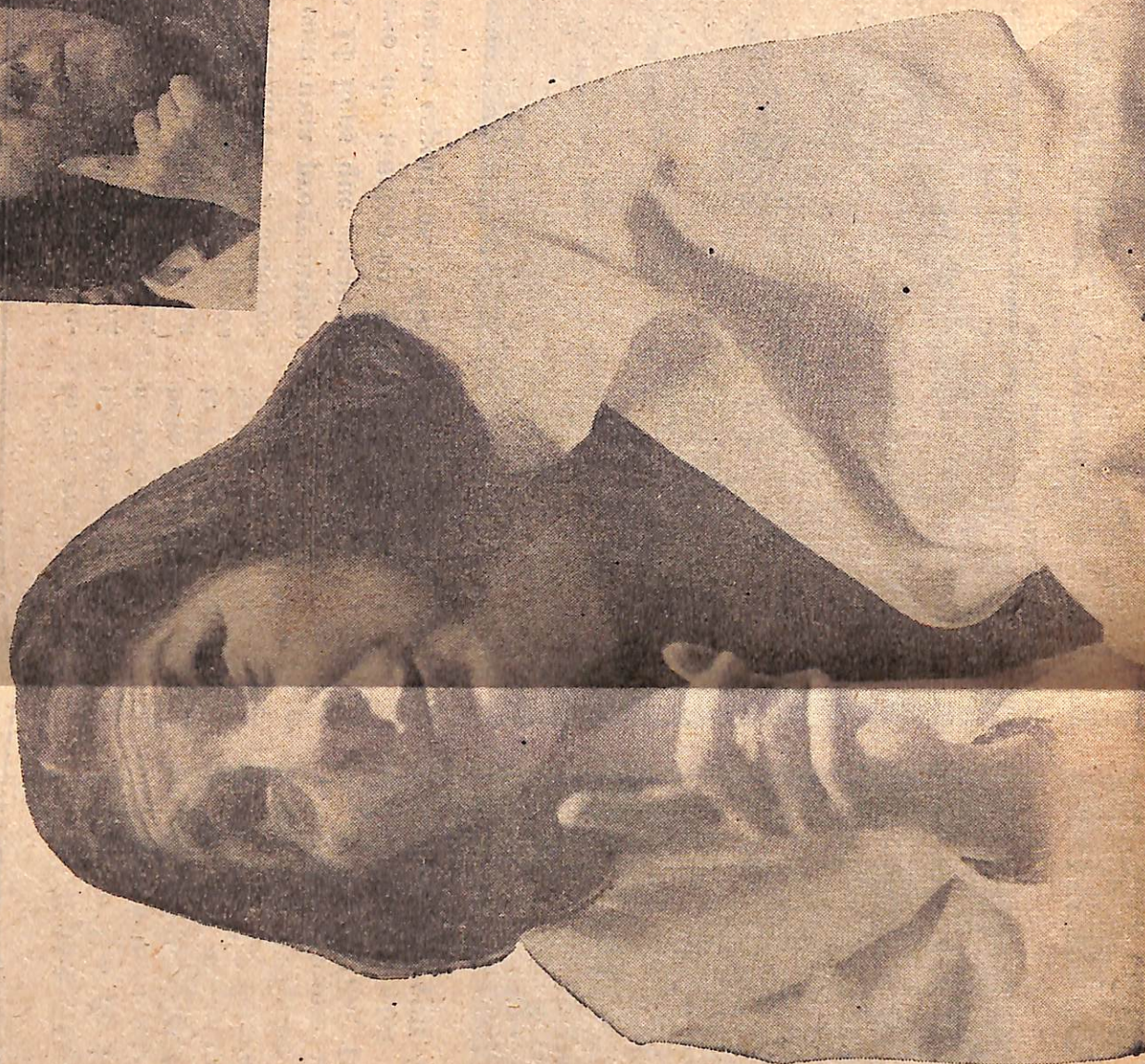
JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Domingo, 17 de julho de 1977

ESTUDANTES, O VELHO AMOR (CORRESPONDIDO) DE

MERCEDES SOSA

*No Rio, ela diz que não
vai nunca mais cantar em
boates, prefere os
auditórios das universidades*



TUDO legal!
Ainda estou viva!"

Mercedes Sosa sorriu ao cumprimentar os amigos argentinos que foram vê-la em sua rápida passagem pelo Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro na quinta-feira à noite, escala do voo Buenos Aires—Madrid. A fortaleza que aparenta ser no palco dissolve-se no contato pessoal. É doce a maior cantora folclórica da América Latina. Mas decidiu. Proibida de se apresentar nas rádios e televisões portenhas, ela saiu pelo mundo cantando os versos simples que defendem a *latinoamericanidad*. Sua voz tem sido ouvida na Europa, Ásia, Américas do Norte, Central e, principalmente, do Sul. Agora mesmo

está na Espanha para uma longa *tournee*. Depois França e Itália. O Brasil — onde não conseguiu se apresentar para os estudantes — talvez fique para o fim do ano, quem sabe? Não há nada decidido apesar de sua vontade grande de voltar.

Sem o longo *poncho* que faz parte de suas apresentações, mas mostrando o mesmo rosto índio, sem pintura, os cabelos escorridos mais curtos, ao lado do marido Pocho e músicos que a acompanham na viagem, Mercedes admira contente a capa de seu segundo LP brasileiro *Arte de Mercedes Sosa* um álbum duplo lançado em abril que já vendeu mais de 10 mil cópias. Atribui o sucesso à gravadora e lembra a letra do tango: "O sucesso não tem razão nem explicação". No seu caso,

a referência talvez não seja verdadeira, já que, segundo os críticos, "seu trabalho mostra a face dura da realidade sem nenhum resque de fantasia destinado a agradar modas passageiras ou o consumo dirigido". Com sua voz aprimorada através de estudos, ela canta somente aquilo em que acredita.

Apesar da ameaça de explosão de uma bomba no Teatro, Mercedes apresentou-se dois dias em Buenos Aires e agradece à vida a oportunidade:

— As condições são duras, mas foram dois dias maravilhosos. Além do problema com televisão e rádio, há sobretudo um grande medo da parte dos empresários. As proibições me machucam muito. É uma maneira de afastar-me do coração de minha gente. E custou-me muito chegar até eles. É claro que as portas de muitos países estão abertas, mas minha maneira de comunicar é cantando. Não escrevo poesias, nada. E me foi negada a entrada nas escolas argentinas. Acho que estamos atravessando uma época muito dura neste continente, principalmente para a mulher, a companheira, a mãe.

Segundo Mercedes, falta entrosamento musical entre os países latino-americanos, e no entanto, os músicos se admiram:

— São forças externas independentes contra as quais é preciso lutar. O Chico (Buarque), por exemplo, é muito querido de todos os músicos. Tenho adoração por ele. Mas nosso país viveu sempre olhando para a França e sonhando com a Espanha, é uma pena.

ELA considera que o idioma atrapalha um pouco um maior intercâmbio cultural:

— Mas não há outras diferenças entre os músicos argentinos e brasileiros, sobretudo porque existe uma mesma sensibilidade. No entanto, eu que comecei a cantar com 15 anos (hoje tem 42) quantas vezes não passei pelo Galeão, vinda de excursões em paí-

ses europeus, sem nunca ter me apresentado aqui.

No Brasil, o desejo irrealizado permanece. Mercedes quer cantar para os estudantes:

— São os seres que me protegem em toda parte do mundo.

No próximo dia 20 ela estará em Málaga. Dias 2, 3 e 4 em San Marino e Turim. Depois irá à França. É a quarta vez que se apresenta na Espanha. Ainda com Franco vivo, cantou censurada. Músicas como *La Vitoria* e *La Carta* nunca puderam ser interpretadas.

— No ano que vem talvez vá à Alemanha. Sinto pena de não entenderem as letras, mas diria que sou um pouco masoquista. Alguns artistas são um pouco símbolo da luta do povo ou dos povos.

Nessas excursões, ao contrário do que aconteceu no Brasil, à sua revelia, Mercedes recusa-se sempre a cantar em *boites*:

— Acho que não devo cantar em clubes noturnos. As pessoas, quando vão ver um artista, já devem estar condicionadas àquilo que irão assistir e olhar com carinho o espetáculo. Nos Estados Unidos, na Universidade de San Diego, os estudantes acabaram de jantar, juntaram as mesas e montaram um palco para que eu me apresentasse.

Na impossibilidade de se fixar na Argentina, apesar de morar em Buenos Aires, é difícil para Mercedes pesquisar novos temas folclóricos. Cantando pouco tempo para um público muito heterogêneo, acaba tendo que repetir seu repertório. Mesmo assim, acabou de gravar quatro músicas de uma compositora argentina, Maria Helena Walsh, que considera maravilhosas:

— *A Paciência*, *pobrezita*, uma homenagem às mulheres que tecem os *ponchos*, *Pássaro Livre*, *Canto a Poesia de Meus Companheiros* e *Campana de Palo* (matraca). Vou gravar ainda cinco músicas feitas por poetas diferentes para o trabalho do pintor Antonio Berni, *Mundo Prometido de Quanto Laguna*, vencedor da Bienal de Vene-

za. É um trabalho composto de cinco quadros com uma poesia cada um, musicadas por pessoas diferentes.

Mas "el camino es cada vez menos largo", afirma ela:

— Não me interessa passar pela vida somente recebendo aplausos. Minha vida não é feliz, mas isto também não é novidade, porque a maioria dos artistas não é feliz. Agora mesmo, em Buenos Aires, temos alguns espetáculos em cartaz, como de Suzana Rinaldi, mas sentimos a falta de gente que está fora, como Luis Politi, ator que vive no México e Nacha Guevara e Horacio Guarany, radicados na Espanha.

Sempre lembrando Chico Buarque, de quem não grava nada com medo do sotaque, Mercedes lembra-se de uma letra do compositor quando afirma que há novidades musicais na Argentina, "desde choro a *rock'n roll*":

— Mas os novos compositores têm muita dificuldade para se projetar. É preciso ter paciência, pois não recebem apoio algum. É uma pena, porque, num país grande como a Argentina, a música nativa era amada por todos e a estão matando.

Pocho interrompe para explicar que é importante mostrar que existe uma unidade na América Latina:

— Os países não têm nenhum problema entre eles. Acontece que esses problemas vêm de fora.

Mercedes pergunta pelo carnaval que nunca viu. Quer saber como anda o clima carioca, ela que foi à praia todos os dias enquanto esteve aqui no final do ano passado. Pergunta por Milton Nascimento elogia o disco cantado em italiano por Vinicius e Toquinho com Ornella Vanoni. Pede um chá com limão porque a mistura de vinhos deixou-a com dor de cabeça. E prepara-se para seguir em frente. Espera que desta vez, na Espanha, possa cantar tudo o que quiser. E espera, sobretudo, poder cantar para os estudantes brasileiros. Breve.

Eu perdi tudo



Tudo começou há seis meses atrás. Eu tinha uma imensa coleção de centímetros. Centímetros e mais centímetros desagradavelmente distribuídos ao longo do meu corpo. Na cintura, nas ancas, nas coxas, no abdômen, nos braços.

Aí eu conheci o TAT, Técnica Técnica Acelerada, um método fantástico para emagrecer descoberto na Suíça e que está ao alcance de qualquer pessoa aqui mesmo no Brasil, no Esthetic Center.

Um método que não usa massagens, nem ginásticas, nem drogas, nem injeções e nem obriga ninguém a passar fome.

Olha, depois de 23 dias no Esthetic Center eu perdi todos os meus excessos. Todinhos. A flacidez dos tecidos foi simplesmente eliminada, e o melhor é que eu não voltei a engordar.

Com uma só visita por mês ao Esthetic Center eu mantenho tranquilamente a minha nova linha. E vou manter enquanto quiser.

Telefone para lá agora mesmo. E perca tudo que eu perdi.

esthetic center

COPACABANA
Pça. Demétrio
Ribeiro, 17 — 12º
(Barata Ribeiro
esq. Princ. Isabel).

275-9996

LÉBLON
Av. Ataulfo
de Paiva, 107B
anexo 505

274-1895

MEIER
R. Dias de Cruz,
143 — conj. 405

249-4744

TIJUCA
Pça. Saens Peña,
45 — sala 110B

234-7118

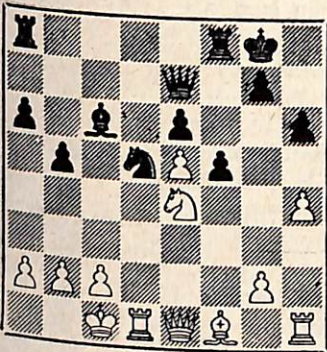
Para homens e mulheres. Aberto de 8 às 18 horas.

XADREZ

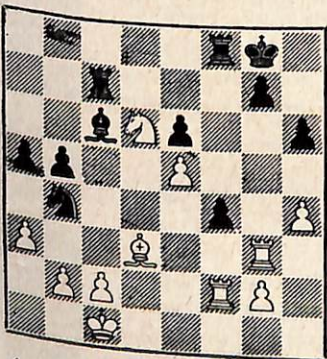
E. Limp vs. M. Miranda

I Campeonato do Rio de Janeiro
1976 — Defesa Siciliana

1 P4R P4BD, 2 C3BR
C3BD, 3 P4D PxP, 4 CxP
C3BR, 5 C3BD P3D, 6
B5CR P3R, 7 D2D P3TD, 8
0-0-0 B2D, 9 P4B P4C, 10
CxC BxC, 11 D1R P3T, 12
B4T B2R, 13 P5R (!?) C4D,
14 BxB DxB, 15 C4R PxP,
16 PxP 0-0, 17 P4TR P4B!



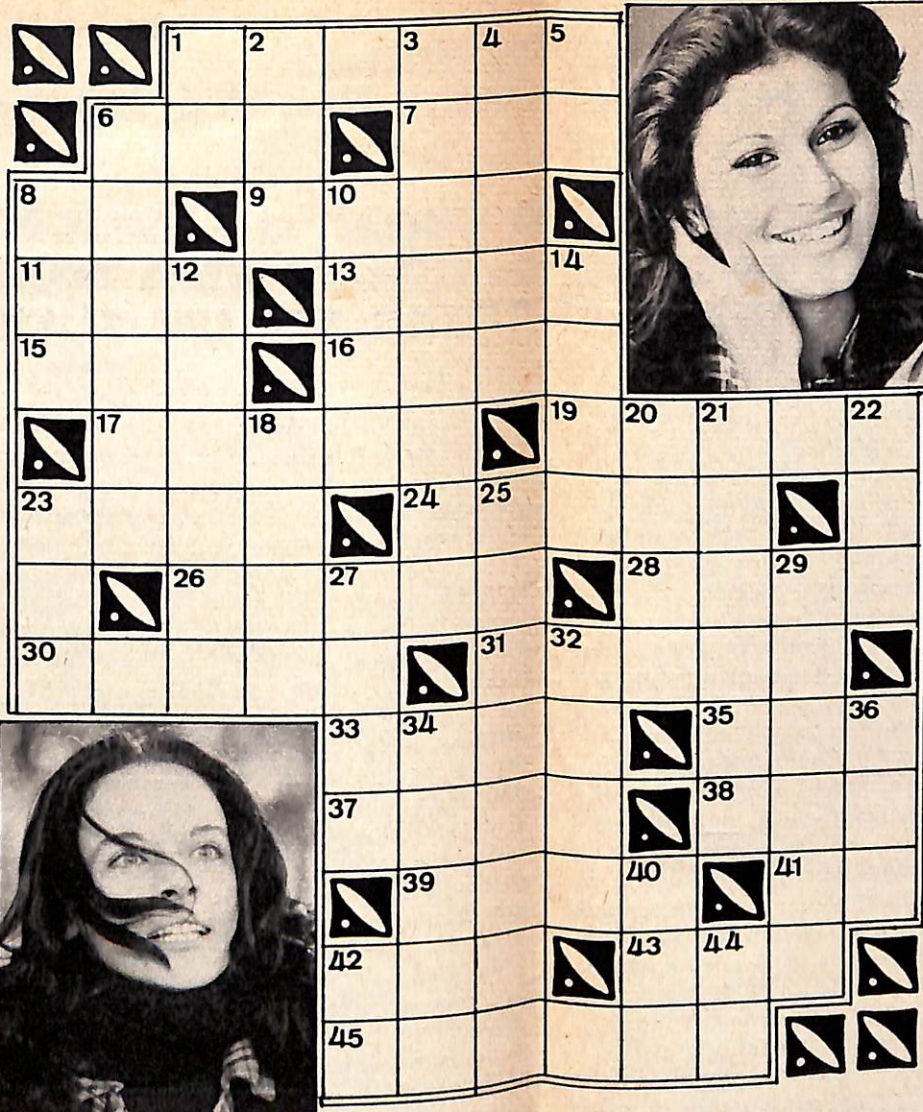
18 C6D (?) D2T! 19 T3T
D4B, 20 B3D T2T, 21 T3C
T2BD, 22 T2D P4TD, 23
D2B! DxD, 24 TxD C5C, 25
P3T (?) P5B!



Aqui se inicia combinação de duplo tema: cravada e interceptação de peças. As pretas ganham facilmente depois de 26 PxC (?) PxT, 27 B7T + RxB, 28 TxB BxP, 26 T3T BxP! 27 TxP P6B, 28 TxPB TxT, 29 PxC TxB, 30 CxPC C3B, 31 C7T T2B, 32 C5C T3B, 33 C7T T5B, 34 P5C T2D, 35 C6B TxPT, 36 P3C P5TD, 37 PxP TxP, 38 R2C P4T, 39 T5C P5T, 40 R3C T5BR, 41 P4B, lance secreto T6D+! As brancas abandonam. Depois de 43 R4C T6CR! 44 T5T P3C ganha uma peça.

LUCIANO NILO DE ANDRADE

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS

1/19. Ela foi eleita a mulher mais bonita do Brasil de 1977; 6. Regular (abrev.); 7. Medida grega de comprimento; 8. Contração de a mais o; 9. Planta têxtil, asiática, da família das Urticáceas; 11. Aguardente proveniente da fermentação e destilação do melão de cana-de-açúcar; 13. (Bras.) O mesmo que *sagüiguacu* (pl.); 15. Cidade do Estado de Minas Gerais; 16. Tenebroso; 17. Certo peixe amazônico; 23. Tecido forte, de linho; 24. Estado brasileiro cuja capital é *Fortaleza*; 26. Amplo, largo (pl.); 28. Que pode ter algum uso ou serventia; 30. Não batizado; 31. Enganar por *traição*; 33. (Bras., AL.) Alpercata; 35. (Fig.) Marcha rápida; 37. (Ingl.) Aberto; 38. Sigla internacional da Organização das Nações Unidas; 39. Esposa do *tio* em relação aos sobrinhos (pl.); 41. Personalidade; 42. Matemática (abrev.); 43. Corcovo do cavalo; 45. Grande estrondo.

VERTICAIS

1. Nome da letra C; 2. Agricultura (abrev.); 3. Relativo ao *corpo*; 4. Dar as cores do *arco-iris* a; 5. Autores (abrev.); 6. Furtar; 8. Sapo amazônico; 10. Guarnecer de *asas*; 12/27. Ela viverá ao lado de *Anthony Quinn* a cantora lírica *Maria Callas*, no filme *O Magnata Grego*; 14. Variedade de feijão muito nutritivo de que se prepara um caldo leitoso; 18. Querer muito bem a; 20. (Bras.) Pequeno caranguejo aquático do Brasil; 21. Que é natural; 22. Pólo austral; 23. Benefício; 25. Braço de mar que liga dois mares ou duas partes do mesmo mar; 29. Contraste fortuito que parece um escárnio; 32. O mesmo que *rangifer*; 34. Decidir-se por uma coisa (entre duas ou mais); 36. Outubro (abrev.); 40. (Bras.) Carne da parte inferior do lombo do porco; 42. Sigla do Estado de Mato Grosso; 44. Polvilho.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1. Semente; 7. Cruz; 10. Ata; 11/15/25. Wernher Von Braun; 13. Apa; 14. Hip; 16. Amar; 18. Eta; 19. Re; 20. Ri; 21. Dúos; 23. A.J.; 27. Berro; 28. So; 29. Ucas; 31. GR.; 32. Ah; 33. Lat.; 34. Rubi; 36. Ari; 37. Tic; 38. Nor.; 39. Temario; 43. Aga; 44. Uso; 45. Exceder.
VERTICAIS: 1. Sapoti; 2. Etana; 3. Ma; 4. N.W.; 5. Te; 6. Er.; 7. Chim; 8. Reparar; 9. Ur; 12. Nhandus; 13. A; 14. Veriguar; 17. Ressurtir; 22. Uno; 23. Aba; 24/33. Jessica Lange; 25. BR.; 26. Ro; 30. Chutes; 31. Garoar; 35. Bimo; 39. Tu; 40. Re; 41. IX; 42. Oc; 43. A.D.

AFONSO NOGUEIRA

BRIDGE

NORTE

♠ D 7 4
♥ A 8 5 2
♦ 7 3
♣ D V 10 6

OESTE

♠ R 8
♥ R 10 9 4
♦ V 10 9 6 5
♣ 7 2

ESTE

♠ 9 6 5 2
♥ D V
♦ 8 4 2
♣ A 9 5 3

SUL

♠ A V 10 3
♥ 7 6 3
♦ A R D
♣ R 8 4

Malícia não é privilégio do declarante nem dos defensores. Naturalmente, o primeiro tem sempre uma vantagem: ele conhece suas próprias cartas e as de seu parceiro, o morto. Já o defensor que use de picardia ou malandragem, com o intuito de enganar o declarante, corre o risco de enganar também seu parceiro. Há também o caso de o carteador enganar seus adversários quando não deve. O preço é caro. Cf. a mão desta semana: todos vulneráveis, Sul deu cartas e abriu de 1 Sem-Trunfo, Norte apoiou com 2 S-T e Sul concluiu o leilão — sem intervenções — em 3 S-T. Oeste saiu com o valete de Ouros, ganhou na mão com o ás. A volta de Paus coube ao ás de Este, que, apesar daquele velho mandamento ("volta o naipes de teu parceiro"), jogou a dama de Copas! Tudo o que Sul conseguiu fazer, a partir daí, foram três vazas em Paus, uma em Copas e uma em Espadas. Três *down*. Mas por que Este voltou Copas e não Ouros? Porque a saída de valete (cabeça) negava a dama. Ora — pensou Este — por que Sul ganhou a vaza de ás e não de dama, como seria lógico? E a resposta só podia ser: porque Sul tinha A-R-D. Logo, não adiantava nada, para a defesa, voltar Ouros. E a solução foi Copas. Se Sul tivesse feito a dama, em vez do ás, é possível que Este não desconfiasse da verdadeira distribuição: Oeste poderia ter, por exemplo, A-V-10-x-x, e o declarante R-D-x. Moral da história? Quando não há nada a se ganhar através da malícia, a melhor coisa a fazer é jogar, carta a carta, *honestamente*.

J.G. HENNINGWALD

EM CARTAZ

OS EMPRESÁRIOS PAGARAM UMA FORTUNA PARA TRAZER A ITALIANA ORNELLA VANONI AO BRASIL. MAS, NA HORA DO SHOW, O PÚBLICO PREFERIU OUVIR VINÍCIUS E TOQUINHO. HOVE UMA ZORRA QUE ACABOU EM VAIAS E LÁGRIMAS. FOI UM SUCESSO

ALTA, esbelta, pele bronzeada, a cantora Ornella Vanoni costuma se definir como uma pessoa "em paz consigo mesma, com a vida e com a família". Contudo, quem a visse imediatamente depois do show no Ibirapuera, em São Paulo, na semana passada, teria uma impressão contrária. Ornella estava visivelmente transtornada. Acabara de passar por uma das mais difíceis experiências na carreira de uma artista: uma estrondosa vaia — a 10 mil vozes — do público que lotava o ginásio. E por mais que outros participantes do show tentassem explicar que as vaias se deviam a fatores que nada têm a ver com o seu prestígio no Brasil, Ornella não ficou tranquila. E, prevenida, antes do seu show no clube Monte Libano, já no Rio, testou exaustivamente o equipamento de som e se informou sobre o

tipo de público que iria assistir ao espetáculo. "Todos me disseram que aquelas vaias no Ibirapuera foram causadas pelas más condições do som e ao fato de Vinícius de Moraes estar afônico. Em qualquer hipótese, foi desagradável. Acho apenas que a pessoa que paga um ingresso para assistir a um artista deve se sentir gratificada, após o show. Em São Paulo, por motivos que independem da vontade dos artistas (Ornella, Vinícius e Toquinho), as coisas não andaram bem. Como todos, naturalmente, se deslocaram de casa para ver um espetáculo sem contratemplos, a vaia foi usada como uma forma de protesto." Aos 40 anos, Ornella Vanoni parece ter encontrado o seu melhor caminho profissional. Um estado de espírito que, de resto, se reflete na dose certa de

emoção que ela impõe a cada música, sem explosões de sensibilidade. Enfim, coisas de quem se sente segura. Hoje, com a mesma serenidade com que já recusou convites de gente importante (como do falecido diretor de cinema Pier Paolo Pasolini), por achar que as propostas a levariam a se afastar do seu trabalho, Ornella se dedica a lançar grupos musicais desconhecidos, através da sua gravadora, numa insistência que já lhe acarretou alguns prejuízos. Durante a sua breve permanência aqui, Ornella procurou inteirar-se da música brasileira. Acertou um elepê com Chico Buarque (a ser lançado no ano que vem) e já incluiu, no seu próximo disco, três músicas do compositor (*Olhos nos Olhos, O Que Será e Tatuagem*). E gravará outras, inclusive aquelas proibidas pela Censura.

"Chico Buarque é fantástico, porque consegue falar de problemas sociais sem fazer proselitismo. A sua música é de alto nível. É diferente das canções de protesto que colocam a política acima da melodia", comenta Ornella entusiasmada. Acompanhada pelo seu atual namorado, Danilo Sabatini, a cantora italiana não teve tempo de se encontrar — como gostaria — com Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Foi, praticamente, através dela que o mercado italiano se abriu um pouco para os artistas brasileiros.

"Sinto-me um pouco brasileira, entende? Me identifico com a música, o povo, a alegria e a maneira de ser de vocês. Isso eu senti desde a primeira vez que vim ao Rio. Conheço muito do Brasil. Por isso, aliás, pelo amor que sinto e não escondo, foi que Joeu fundo o que aconteceu em São Paulo." O que não impede que nos seus planos esteja incluída uma longa temporada no Brasil, com a família (o seu filho Cristiano de 15 anos e os filhos de Danilo Sabatini). E confessa que não é apenas um impulso sentimental: entra um pouco de profissionalismo na história. "Se você analisar bem o cenário musical do mundo inteiro, vai se defrontar com uma carência de ritmos novos, capazes de acrescentar alguma coisa. Vocês têm aqui, ao contrário, um potencial musical quase virgem, quase inexplorado. Principalmente no Norte, onde os ritmos são mais autênticos do que no Sul, onde existe a presença mais marcante do europeu. Tenho certeza de que encontrarei coisas maravilhosas, que ainda são encaradas como novidades na Europa."

Reportagem de **Tarlis Batista e Luiz Maciel Filho**
Fotos de **Gino Lovecchio e Olímpio Saynoviski**



DEZ MIL PESSOAS VAIANDO EM SÃO PAULO

■ A história do show de Ornella Vanoni, Vinícius de Moraes e Toquinho começa na Itália. Apresentada aos dois artistas brasileiros, a cantora italiana decidiu lançar, através da sua própria gravadora, um disco com a dupla. A experiência deu certo e acabou nas paradas de sucesso italianas. Ornella se animou, então, a fazer alguns shows no Brasil. Mas a sua apresentação aos 10 mil paulistas foi conturbada a tal ponto que ela abandonou o palco aos prantos. A verdade é que o show não foi bem conduzido desde o início. Vinícius estava com um problema nas cordas vocais e não completou a sua apresentação. O público se irritou. E quando Ornella surgiu, cantando músicas excessivamente lentas, o Ibirapuera veio abaixo: em vaias. O ginásio ficou, então, sob uma zoeira incrível durante 15 minutos (até a luz pitou). A trégua só se estabeleceu quando os três voltaram, abraçados, tentando salvar o espetáculo. Mas, aí, a festa já estava definitivamente estragada. No show seguinte, no Clube Monte Libano do Rio, Ornella se apresentou sozinha e, se não houve apoteose, também não houve a reedição (e nem se justificaria, o espetáculo correu bem) do massacre paulista.



Para Ornella, música é sentimento e vibração. O seu talento (e a sua presença no palco) é uma mistura da cantora e da ex-atriz dramática. Até hoje, um dos seus maiores sucessos foi **Abbracciami Forte**.



Ornella Vanoni demonstra um profundo conhecimento de música brasileira, ao ponto de se considerar capaz de detectar o que é autêntico e o que é produto de influências americanas ou européias. Ano que vem, ela lançará um disco com músicas de Chico Buarque. Acima, com Jorge Ben (1968), e ao lado, durante o massacre do Ibirapuera.



É divertido cantar com Tom, Chico e Miucha

Música para se cantar junto. Miucha sempre gostou disso. Tinha uma turma, quando era mocinha e aprendia a tocar violão, que adorava cantar velhas canções e bossa-nova. Mais tarde, nos Estados Unidos, participou de duas gravações de seu marido João Gilberto. Tom Jobim também gosta de cantar junto. Com Vinicius e até com Sinatra. Chico surgiu exatamente deste tipo de lazer, quando matava aulas para ir beber cachaca e cantar com amigos num barzinho perto da faculdade. Suas primeiras composições, inclusive, foram feitas para todo mundo cantar junto. E foi, então, com o máximo de espontaneidade que os três se reuniram para este LP Miucha e Antônio Carlos Jobim.

Miucha diz que, apesar de ser mais velha do que Chico, só agora criou coragem de partir para um LP. Foi atrás de Jobim só para lhe pedir uma música. Tom, ao que demonstra o disco, não tinha nenhuma nova. Mas gostou tanto da idéia que foi cantar junto. Não só isso: fez todos os arranjos, regeu a orquestra, tocou flauta e piano. E com toda a sua conhecida e invejável categoria. Na faixa Vai Levando, acrescentou, com Miucha, alguns versos foram improvisados na hora, aumentando as brincadeiras rimadas de Chico/Caetano.

Miucha é agradável, dentro deste princípio de cantar junto. Quando



Miucha e Tom Jobim

canta sozinha, sabe dividir bem e chega a ser maravilhosa em Tiro Cruzado (Nelson Angelo/Marcio Borges) e Na Batucada da Vida (Ari Barroso/Luiz Peixoto). Dá à Olhos nos Olhos (Chico) a melhor interpretação feita até hoje: canta com muito sentimento e como se estivesse contando uma história. E porém, insegura: quando tenta fazer a mesma coisa com Saia do Caminho (Custódio Mesquita/Ewaldo Ruy, antigo sucesso de Dalva de Oliveira), exatamente onde poderia contar bem a história, ela se deixa cair no pieguismo e põe tudo a perder em monotonia. Além disso, a principiante Miucha não cuida da respiração e é ouvida cons-

fantemente puxando o ar, se bem que muito menos que a veterana Maria Bethânia ou o mais velho ainda Quarteto em Si, verdadeiros foles. Isso "suja" a gravação.

Chico Buarque aparece cantando nas faixas Vai Levando (dele/Caetano), Sei Lá (A Vida Tem Sempre Razão) (Toquinho/Vinicius) e Maninha (dele). Nesta última composição, Chico faz lembrar sua fase lírica e bonita de Até Pensei. Miucha e Antônio Carlos Jobim é um LP com muita simplicidade, mas tão bom que a gente, quando acaba de ouvi-lo, põe de novo na vitrola e começa a cantar junto. — DIRCEU SOARES

DIARIO DA NOITE

18 / 7 / 77

Um minutinho de atenção: hoje à noite, a partir das 21 horas, no Teatro Aquarius, mais um show **Brasileirissimo**, apresentando Toquinho, o nosso querido, violonista, cantor, compositor e parceiro de Vinicius de Moraes. Quem for pode ter a certeza que vai adorar. É bom até lembrar: o nome do show é «Toquinho Sózinho».

A Cidinha Campos já acertou tudo. Por enquanto, ela ficará com o seu espetáculo lá no Rio, mas em setembro virá para São Paulo, para uma temporada no Teatro Brigadeiro. Como vocês sabem, as sessões do espetáculo da minha querida são sempre às cinco da tarde.

Tão logo o Roberto ponha aqueles pézinhos no solo Pátrio, será procurado por um produtor da Globo, que ainda não foi designado, para acertar detalhes de seu próximo especial para a emissora.

Aí! Não! O Luis Airão, com todo aquele tamanho, resolveu tomar aulas de ballet. Sinceramente, quando me contaram essa, quase caí de costas. Vocês já pensaram: com aquele corpinho, o meu querido andando na pontinha dos pés e dando saltinhos no ar?

Vinicius

Cariocas famosos no Rodeio. Esta foi uma das semanas que mais tivemos gente do Rio, a começar por Manoel do Nascimento Brito (*Jornal do Brasil*) assessorado por Mauro Guimarães, Jorginho Guinle com Bia Ferreira da Rosa, Abelardo Barbosa (Chacrinha) com filho, Chico Roca (Banco de Chicago), Eva Monteiro de Carvalho e sua filha Ana Maria, Julinho do Rego e Luís Roberto Nascimento Silva (filho do nosso ministro).

Cigarros sem nicotina acabam de ser lançados em Londres em larga escala. Já existem nada menos do que 11 marcas. Quem já fumou achou o sabor um pouco diferente, mas mesmo assim compensa.

A Nigéria é o mais novo comprador dos nossos aviões Bandeirante.

É moda neste verão americano usar meias de lã com botas e bermudas. Imaginem se a moda pega, como vai ficar o Guarujá!

As agências de publicidade Cosi, Jarbas e Sergino e a americana Young Rubicam passaram a ser sócias mas não se fundiram: continuarão operando independentes.

Greg Bathon, que até a pouco era da cúpula da J. W. Thompson publicidade do Brasil, foi nomeado vice-presidente executivo para todas as operações desta agência na América Latina.

A mais cara garrafa de vinho vendida em todo o mundo foi negociada em Londres em um leilão da Christie's por 3.816 dólares — um Chateau Mouton Rothschild de 1929.

Cultura gente, cultura. Esta semana deveria ter sido chamada de curta e grossa pois quase todas as apresentações tiveram a duração de um dia, não se sabe se foi pela má qualidade ou pela exigência do público. Por exemplo Ornella Vanoni foi

ao Ibirapuera junto com Vinícius e Toquinho e todos foram vaiados pois uns queriam ouvir Ornella e outros só a dupla. Os únicos que gostaram foram os organizadores, que faturaram muito! Maria Bethânia também ficou só uma noite: a da inauguração do Teatro Célia Helena, pois ela foi divagar sobre sua carreira e para a gente ouvir isto tinha que pagar Cr\$ 300,00. João Bosco foi ao SESC da Lapa cantar músicas de Aldir Blanc mas só uma noite. Os chorinhos dos Novos Baianos no Teatro Aquarius foram tão tristes que todos na saída estavam com lençinhos de papel nas mãos. Marília Medalha bateu recorde: ficou duas noites no Teatro Taib mas não precisava ter exagerado.

MUITAS IMPORTANTES

● Said Farhat recebeu do governador de MG a Medalha de Honra dos Inconfidentes ● José Lattes garante que o Caesar Park-Ipanema sai antes do fim do ano ● No *O Ponto*, Tonico Senra falava da Bolsa enquanto Fafá de Belém inaugurava seu novo guarda-roupa todo baseado em Helena da Tróia ● José Papa Jr. foi eleito o Comerciante do Ano, pelos próprios ● Tenda dos Milagres é o nome do *atelier* paulista do escultor baiano Bonfim ● Maricy Trussardi foi para o Rio em férias com sua maravilhosa família ● Ernani Donato acabou de receber da Academia Brasileira de Letras o prêmio Afonso Arinos, com o livro de contos *Babel* ● Aparecida Machado e Cibele Mota trabalhando em benefício da Barraca dos Pescadores. A renda será em favor dos nossos caixas ● *Jornal da Tarde* batendo recorde de vendas: na 2.ª-feira todos lêem Telmo Martino ●

Caio Alcântara Machado quer faturar, em exportações com a Brasil Export 77, 1 bilhão de dólares.

Joyce Teperman, acabando a FAAP, quer trabalhar em publicidade. Achemos que não vão faltar propostas para ela.



SEIS E MEIA MOSTRA ALCIONE E P. MOURA

Alcione e Paulo Moura, a cantora e músico de sucessos nacional e internacional sob a direção de Sergio Cabral. Iniciaram, ontem, no Teatro João Caetano, mais um show da série «Seis e Meia», promovida pela Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro. Ambos famosos, preocupados com a verdadeira música brasileira pretende apresentar músicas de Vinicius Caetano, Gil, Chico Buarque e outros, para uma platéia de homens rua, ao preço irrisório de 12 cruzeiros. Somente até sexta-feira.

Rio, 12.7.1977

SEIS E MEIA
18.ª Semana/77

ALCIONE/PAULO MOURA

de 18 a 22 de julho

18h30m

Muitos já assistiram, no próprio Teatro João Caetano, o talento de Paulo Moura quer tocando clarineta, saxofone ou flauta ao lado de

Abel Ferreira, Joel Nascimento e outros não menos talentosos. Entretanto, ninguém nunca viu a cantora Alcione tocar um chorinho no piston junto com Paulo Moura.

Para Alcione «é uma dádiva de Deus trabalhar com um músico da categoria de Paulo Moura».

Professor da Escola de Música Villa Lobos, Paulo Moura iniciou seus estudos aos 10 anos de idade. Quando ingressou na Escola Nacional de Música para fazer o curso de



clarineta já dominava tão habilmente o instrumento que entrou direto no 4.º ano, faltando, portanto, apenas 2 anos para completar o curso.

PAULO MOURA

Apesar de ser sucesso nacional e internacional, Paulo Moura reconhece que não é fácil a carreira do músico no Brasil.

— São muitas as dificuldades que os músicos têm que enfrentar aqui. A falta de perspectivas, o baixo nível dos instrumentos nacionais e a pouca divulgação pelas emissoras de rádio da música instrumental, são apenas alguns dos obstáculos. A ambição de um profissional é registrar seu trabalho em disco, e isso no Brasil é muito difícil. Por isso, os jovens que se dedicam de corpo e alma ao estudo da música têm como objetivo primeiro desenvolver e aperfeiçoar sua arte em ambientes onde as possibilidades de realização sejam maiores, ou seja, fora do Brasil. E isso cabe, principalmente, ao jovem que quer seguir carreira de concertista.

Apesar deste enfoque bastante realista e um tanto pessimista para alguns, Paulo Moura não esconde sua satisfação de participar do «Seis e Meia» que, «além do horário e do preço irrisório, vem provando que o povo quer ouvir aquilo que as emissoras de rádio lhe negaram por muito tempo».

ALCIONE

Logo que chegou ao Brasil, depois de uma permanência de 2 anos na Europa, Alcione foi levada por Jair Rodrigues para gravar seu 1.º disco na Philips. Alcione, que diz «se sentir mais à vontade cantan-

do aquele samba-canção que a gente pode se soltar e passar dentro dele», foi a cantora brasileira escolhida entre muitas para gravar com o maestro francês Paul Mauriat, uma música de sua autoria com letra de Totinho e Paulinho Rezende, em sua recente viagem ao Brasil.

Sobre festivais, discos, televisão e boates, Alcione tem muito o que contar. E sobre teatro, Alcione?

— O teatro pra mim é novidade. A primeira vez que pisarei num palco de teatro será no «Seis e Meia». Vai ser uma experiência completamente nova. Na televisão por exemplo, você chega lá e já está tudo esquematizado sem erros. Acho até meio frio. Agora, aqui no «Seis e Meia» é claro que vamos ensaiar. Mes, quando estivermos diante de um público com tanto calor humano como este do João Caetano, acho que vamos sentir até vontade de improvisar e, no fim, vai sair aquilo que se ensaiou e ma's alguma coisa. O «Seis e Meia» vai me dar oportunidade de mostrar um trabalho que o público nunca me viu fazer. Esta é um passo na minha carreira que, espero, seja o início de muitas outras atuações em teatro.

Entre Vinicius, Caetano, Gilberto Gil, Baden e Chico Buarque, Alcione vai cantar «Cajuêiro Velho», música composta há 18 anos, por seu pai, João Carlos.

Coisas Nossas vai mostrar Noel Rosa

A Associação Brasileira de Imprensa, dentro da sua programação Festa Brasileira, apresentará no dia 22 de julho, às 21 horas, o conjunto «Coisas Nossas», cujo nome vem de um samba de Noel Rosa e do firme propósito de só interpretar músicas brasileiras.

Formado há cerca de um ano e meio, iniciou suas atividades com uma pesquisa sobre a obra de Noel. Essa pesquisa resultou na apresentação de um ciclo em que foram executadas cem músicas desse compositor, algumas delas inéditas.

Apesar de não se restringir ao repertório de Noel Rosa (o conjunto também se dedica a outros sambistas e compositores da música popular brasileira e apresenta composições próprias) «Coisas Nossas» foi reconhecido pela crítica especializada como um dos mais autorizados intérpretes do chamado «Poeta da Vila». A cantora Marília Batista, presente a um espetáculo no Teatro Caclida Becker, declarou que «o espírito de Noel continua vivo entre os jovens graças ao trabalho desses rapazes...» e, quando se cogitou de uma apresentação da série Seis e Meia que homenageasse Noel Rosa (cujos quarenta anos de morte completam-se este ano), o conjunto foi convidado pelo produtor Sergio Cabral para, ao lado de Marília Batista, integrar esse espetáculo.

As vésperas de viajar, sob o patrocínio da Funarte, para mostrar fora do Rio de Janeiro os sambas cariocas de um dos maiores compositores brasileiros, «Coisas Nossas» apresentará na ABI um espetáculo em que a obra de Noel terá predominância, mas que também se farão ouvir outros famosos compositores desde Donga até Chico Buarque.

O conjunto se compõe de Nonato (voz), Felipe (flauta), Henrique (cavaquinho), Caola e Luita (violões), Zé Carlos (piano), Bolão (pandeiro) e Beto (percussão).

Os ingressos poderão ser adquiridos diariamente, ao preço de 20 cruzeiros, na portaria da ABI — Rua Araújo Porto Alegre, 71.



Miucha e Tom Jobim:

"Viva o Brasileiro Buarque de Holanda"



O disco de Miucha e Antonio Carlos Jobim, com participação especial de Chico Buarque, já foi lançado, realizando assim o grande sonho da cantora. Filha do historiador Sergio Buarque de Holanda e irmã de um dos maiores compositores brasileiros, desde menina sentiu inclinação para música, já que em sua casa tudo era motivo para que a família cantasse junta.

"Nossa grande influência entretanto, fala Miucha, chegaria com a Bossa Nova, mais precisamente com o aparecimento de João Gilberto. Quando escutamos "Chega de Saudade" pela primeira vez, foi aquela vibração total, porque a gente entendeu logo que aquela batida de violão que o João fazia iria dar uma guinada homérica na música popular brasileira. Foi justamente nesta fase que Chico começou a compor, e embora discretamente dava aquela batida às suas composições".

Quando seu pai foi nomeado para um cargo de adido cultural na Europa, Miucha aproveitou a viagem para fazer um curso de História da Arse.

"Isso de certa forma, embora estivesse meio desligada do ambiente artístico, manteve acesa dentro de mim a chama musical, a vontade de vir realmente a fazer algo de nível profissional, no futuro.

Miucha, antes de se dedicar a arte tão sonhada, foi desenhista numa agência de publicidade, mas levava sempre seu violão a tiracolo e, de quando em quando, dava uma tocadinha e cantava. Ficou neste emprego durante três anos, retornando em seguida à Europa.

"Foi aí que comecei realmente a transar música e me enturmei no meio artístico, ficando amiga de Michel Legrand, Claude Nougaro, além de começar a cantar numa boate de sul-americanos, local, onde vim a conhecer João Gilberto".

A SENHORA JOÃO GILBERTO

Este encontro resultou em casamento e fez com que Miucha fixasse residência nos Estados Unidos, tendo inclusive participado do segundo elepê que o marido gravou em estúdios norte-americanos.

"Cantei sozinha duas faixas, "Double Rainbow" e "Just One of Those Things", e fiz vocais com João em mais duas; "Águas de Março" e "Isaura". Particpei ainda do álbum que João gravou junto com Stan Getz, além da faixa "O Botó". Nessa fase de exterior, considero muito importante para mim a participação que tive em 1975, do Festival de Newport em Nova York, quando cantei ao lado de nossa filha Bebel, então com oito anos".

MIUCHA, SÓ MIUCHA

Voltando ao Brasil, Miucha fez uma excursão pelo Norte, com Rosinha de Valença, e um show em Vitória ao lado de João Donato.

"Foi aí que, de papos com o velho amigo Aloysio de Oliveira, veio convite para fazer um elepê individual na RCA. Aceitei o convite e pedi que o Tom fizesse o arranjo de uma das faixas.

Tom conta como as coisas aconteceram: "Miucha me procurou para fazer o arranjo e tocar piano numa música. Depois, eu fui me deixando absorver tanto pelo clima de trabalho que foi criado, um clima assim de muito amor pelo disco e total descontração no sentido criativo, que acabei ficando... ficando e, no fim lá estava eu participando do corpo, da alma e dos ossos do disco. Esse mesmo feitiço do disco apanhou amorosamente o nosso querido Chico, que a princípio, como eu, iria participar apenas da faixa "Vai Levando". Ele também gostou e foi ficando, ficando e acabou entrando em três faixas — "Maninha" (que compôs especialmente para Miucha) e "Sei Lá" de Toquinho e Vinícius, além da já citada "Vai Levando", originalmente de Chico e Caetano, mas que aqui foi feita a oito cuças e quatro mãos, numa nova versão bastante descontraída, bem à base de brincadeiras durante as reuniões feitas lá em casa, ainda quando o disco estava no embrião das idéias".

Segundo Miucha, trabalhar com Tom dá uma abertura incrível, principalmente pelo ritmo de trabalho intenso a que se submeteu. Para Aloysio de Oliveira, responsável pela produção, "este é o trabalho ideal, que a gente sempre sonha produzir e até pagaria para fazer".



Chico Buarque de Holanda, Antonio Carlos Jobim e Aloysio de Oliveira são responsáveis por muito do que está no primeiro LP de Miucha. Um disco que nasceu informal e amorosamente, dando até novos versos para "Vai Levando", que Chico e Bethânia já tinham gravado. E que Jobim, carinhosamente, definiu como o "Brasileiro Buarque de Holanda da Música Popular Brasileira".